

ENTREVISTA COM ALEXEI BUENO

Entrevista concedida a Alexandre de Melo Andrade

- 1) Num artigo sobre Álvares de Azevedo, publicado na Revista Brasileira em 2003, você afirma que “obra e vida por definição não se separam”, e por isso devem ser tratadas em conjunto, o que “é mais agradável que muitas metodologias estéreis”. Tendo em vista que estas relações entre vida e obra sempre despertaram discussões acaloradas entre os teóricos, e que há uma tendência, hoje, a descartar a figura do autor em favor do artesanato e do construto textual, qual seria, em sua opinião, o papel do crítico de literatura?

Quero ressaltar que no texto que V. citou eu me referia especificamente ao “artista romântico”, como, no caso, Álvares de Azevedo, não a qualquer artista ou escritor de outros períodos ou escolas, ou não teria feito essa afirmação. Para o artista romântico, de fato, obra e vida não se separam, nem devem separar-se. Se pensarmos num Guimarães Rosa, por exemplo, para mim o maior criador de toda a literatura brasileira, essa relação é quase inexistente, o artista transcende completamente o homem. Como falar, no entanto, de um poeta como Cruz e Sousa, um exemplo entre inúmeros, separando a vida da obra? O papel do crítico, como em quase todas as atividades humanas, é ter bom senso – essa virtude rara – para saber de que modo abordar determinado autor, sem implacáveis metodologias prévias.

- 2) Na “Carta aberta aos poetas brasileiros”, você defende a literatura enquanto a arte daqueles que têm a imperiosa necessidade de dizer algo, opondo-se a determinados “modismos modernos” que tolheriam a arte enquanto tal, como, por exemplo, o “fetichismo da objetividade”, a negação da metafísica, a racionalidade, a concisão etc. Você acredita que tais modismos ainda estejam embrenhados na literatura e no discurso da crítica, atualmente, no Brasil?

Absolutamente, o Brasil é um país positivista até a medula, e assim se mantém. O brasileiro, com as exceções de sempre, é novidadeiro, macaqueador e servil, engole oito ortografias de sua língua em apenas um século e acha tudo normal, é incrível. Fora isso, somos um povo de uma ignorância espantosa, onde qualquer erudição é uma lepra, e

onde domina o culto da “espontaneidade” e o do “bom selvagem”. Quando falo de ignorância, não falo das classes desfavorecidas, mais ou menos ignorantes em qualquer parte, mas da classe média para cima, e não quero comparar o brasileiro com um francês, um inglês ou um sueco, mas com um argentino, um mexicano, um chileno, um peruano ou um colombiano de nível social semelhante. É de arrepiar os cabelos...

- 3) Houve uma floração, nos últimos anos, de poetas que começaram a publicar seus textos, seja amparados pelo sistema editorial tradicional, seja pelo viés das novas mídias, que facilitaram a divulgação de escritores à margem das editoras, por meio de sites, blogs etc. Como você tem visto a produção poética deste início de século, no Brasil? Você poderia citar alguns poetas que têm despertado seu interesse?

Sempre há poetas ótimos, mas sempre em situação muito minoritária, isso é implacável. Cito alguns, todos mais novos que eu, ou não teria cabimento: Carlos Newton Junior, Majela Colares, Miguel Sanches Neto, Astier Basílio, etc. etc.

- 4) Há uma produção considerável de textos críticos sobre suas obras, circulando em periódicos e outros meios de divulgação científica. Você tem o hábito de ler o que escrevem sobre sua produção? Caso sim, como é sua recepção e percepção desses textos?

Para ser sincero, quase nunca leio nada, com a exceção de quando é de algum amigo que me pede expressamente. Tenho uma sensação desagradável quando leio algo sobre mim, mesmo sendo elogioso, tenho horror a qualquer forma de auto-referência e, quando não estou em fase de escrever poesia, quer dizer, na absoluta maioria do tempo, não quero saber do assunto. Posso ficar horas recitando Camões, por exemplo, ou falando a respeito do próprio, mas de mim jamais.

- 5) Que leituras eram mais frequentes em sua biblioteca subjetiva, durante a infância e adolescência, e que você considera terem sido determinantes para sua introdução e permanência no universo literário?

Li, muito pequeno, todos os nossos poetas românticos, dos quais gosto imensamente até hoje, vários deles no saudoso *Tesouro da Juventude*, e até hoje os considero a leitura inicial perfeita para as crianças brasileiras. Passei depois para as outras escolas todas e os grandes modernistas, e depois para toda a poesia portuguesa. No meio disso, grande destaque para Camões, Dante e Homero, essas figuras seminais. Em seguida, muita poesia francesa e daí para diante, para nem falar de prosa, ou não terminava nunca.

- 6) Indagado sobre o exercício do poeta, em *Cartas a um jovem poeta*, Rilke concebe a atividade poética como uma necessidade inerente ao poeta, de forma que os grandes poetas seriam aqueles que responderiam afirmativamente à pergunta “Preciso escrever?”. Clarice Lispector, respondendo a esta mesma pergunta, ao jornalista Júlio Lerner, em 1977, disse: “Quando não escrevo, estou morta”. Redirecionamos a pergunta a Alexei Bueno: escrever, para você, é uma necessidade vital?

É quando estou com ela, ou seja, passo dois, três ou quatro anos sem escrever um verso, e então escrevo todo um livro de poemas em dois ou três meses. Cada vez mais a coisa funciona assim comigo, num movimento pendular. O que eu chamaria de necessidade vital, de fato, no meu caso, é ler. Não passo dia da minha vida sem ler por várias horas, com a exceção óbvia de impedimentos por força maior, viagens, excesso de trabalho, etc.

- 7) Você tem se dedicado, ainda, a organizar antologias poéticas de alguns autores, como Álvares de Azevedo, Vinícius de Moraes e Olavo Bilac. O que o motiva a organizar tais obras? As escolhas são pessoais ou advindas de pedidos externos?

Às vezes pessoais, às vezes por carência editorial evidente, e mais comumente por ambas as coisas. Sou editor, no sentido de fixador de texto, organizador da edição etc., mas nunca fui dono de editora, então tudo isso precisa nascer de um consenso.

- 8) Que escritor(es) brasileiro(s) você considera ter(em) sido, até hoje, mal avaliado(s) pela crítica? Por quê?

Há vários. Para falar em poesia, considero que Augusto dos Anjos, apesar da popularidade gigantesca, até hoje não foi compreendido no nível que merece pela crítica, dentro da qual, aliás, com a minha edição crítica de sua obra completa, me considero uma exceção. É um gênio absoluto, terceiro nome do que resolvi chamar de Trindade Simbolista, depois de Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens, mas que saiu do Simbolismo para criar um expressionismo *sui generis*, de um poder único, que só encontra certa similitude em Cesário Verde. Trata-se de um poeta místico espantoso, que não poderia agradar nossa mentalidade positivista e nossa burrice secular, a qual inclusive sempre o tomou por poeta estritamente materialista e cientificista, o que chega a ser cômico. Para lembrar um prosador – prosador, não ficcionista –, acho lamentável o esquecimento em que está um polemista e cronista fabuloso como Antônio Torres – o ex-padre mineiro, não confundir com o escritor baiano nosso contemporâneo – enquanto falam todo dia, por exemplo, de seu contemporâneo e arqui-inimigo João do Rio. É um absurdo sua obra de prosador magnífico, ironista sem paralelo, não ser reeditada num alentado volume único, já que se trata de um dos maiores estilistas da prosa no Brasil.

- 9) É notável que a educação brasileira esteja à margem de qualquer indício de qualidade, principalmente no que tange à formação de leitores com capacidade interpretativa e percepção estética mais apurada. Qual o seu olhar para este cenário? Você acredita em horizontes mais claros para a educação no Brasil?

Não acredito em nada, acabei de exercer a triste sinceridade de externar minha opinião sobre a miséria mental brasileira, e é isso aí. Só acredito no indivíduo. O Brasil deu Castro Alves e Gonçalves Dias, Villa-Lobos e Glauber Rocha, Machado de Assis e Guimarães Rosa, Cecília Meireles e o Aleijadinho etc. etc. E isso porque, como diz o Evangelho, o espírito sopra quando quer, embora, como Baudelaire brilhantemente percebeu, todo país só produza seus grandes homens a contragosto.

Alexei Bueno, 2-12-2011